

POLIFONIA ENTRE DIÁLOGOS: HISTÓRIA E CULTURA

Hilda Freitas Silva¹
hildafsilva28@hotmail.com

RESUMO: Teorizar sobre a categoria “Cultura” é explorar o polissêmico, por isso esse artigo tem o objetivo de buscar a praticidade desse conceito com auxílio didático de um filme e um documentário. Essa metodologia é agregada com conceitos de autores que somam reflexões sobre a cultura do processo dinâmico e polarizador que é a sociedade. Com isso, caminha-se para reflexões e o propósito de pensar a polifonia, politização das pessoas, comunicação, sobre os lugares e a interação que ocorre ininterruptamente. As considerações ou conclusões que tem é de pensar a polifonia e considerar como condição de tempo e de legado histórico, a ação humana no processo social de reconstrução de significados.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura. Polissêmico. Polifonia. Comunicação. Politização. Lugares.

Comunicar é parte essencial do ser humano e historicamente o homem cria e recria meios de se comunicar. “Polifonia” vem do grego e significa “muitas vozes”. Bordenave (1997), amparado em Sócrates, diz que a comunicação faz com que o homem conheça a “verdade” e este conhecer permeia a sua identificação no coletivo. É interessante pensar que na polifonia da comunicação a sociedade se constrói. Bordenave (1997) coloca que toda sociedade tem a comunicação que merece, pois a esta é atrelada à sociedade, portanto a situação social que vivemos deve-se à forma que comunicamos e interagimos com o meio. O mesmo autor teoriza que a comunicação fortalece a “sociedade civil”, demonstrando a importância da comunicação numa sociedade dita “organizada”.

Mas afinal, o que é comunicação? Quais são as suas interfaces na sociedade? Rosana Maria Ribeiro Borges e Wanderley Alves dos Santos (2009) traz alguns direcionamentos. Segundo os autores, a definição da palavra comunicação é comunhão

¹ Especialista em História do Brasil; História e Cultura Afrobrasileira; Psicopedagogia Clínico e Institucional; Diversidade e Cidadania: Direitos Humanos; Patrimônio Direitos Culturais e Cidadania. Cultura, Identidade e Região. Graduada em História pela Universidade Estadual de Goiás.

e interação. Fica evidente, pois, que pode ser potencializada na comunidade quando se apropria de espaços, assim estas pessoas se socializam e reforçam seus vínculos. Ainda Borges e Santos (2009) enfatizam dois aspectos que estão dentro do contexto de comunicação: as categorias “emissor” e “receptor”. Eles pontuam o caráter positivista dessas categorias, mas que podem ser rompidas dentro de um processo cultural. Compreende-se que há imbuídas as vantagens de emitir informações, sendo que dentro de um cenário mais abrangente, no caso da comunidade, toma-se como uma referência local de identificação de si mesmo e dos seus pares.

Por meio deste “ato de fazer” nos aproximamos do contexto e conceito de cultura. Leitão (2014) ressalta que a capacidade de produzir cultura é inerente ao ser humano e que toda e qualquer sociedade possui cultura. Ela ainda expõe que o “conceito de cultura é visto como um processo polissêmico, com múltiplos significados que são interpretados tanto por antropólogos como por seus interlocutores” (LEITÃO, 201-, p. 8). Entende-se que fazer cultura é para todos os humanos, independente de posição social e do tempo cronológico. Nesse contexto, é possível compreender que a cultura é criada e recriada por meio da comunicação humana. Nesse sentido, Wagner (2010, p. 76) teoriza:

Toda expressão dotada de significado, e, portanto toda experiência e todo entendimento, é uma espécie de invenção, e a invenção requer uma base de comunicação em convenções compartilhadas para que faça sentido – isto é – para que possamos referir a outros, e ao mundo de significados que compartilhamos com eles, o que fazemos, dizemos e sentimos. Expressão e comunicação são interdependentes: nenhuma é possível sem a outra.

Sendo assim, compreendemos que a comunicação permeia o ser humano dentro de um processo dinâmico cultural. Dinâmico porque, segundo Laraia (2001), a cultura se refaz num processo de vivência. Nesse contexto, a cultura se apresenta permeada no ato de comunicar e de poder. A comunicação é instrumento de poder e, portanto, de persuasão. Esse contexto de cultura e comunicação permite a construção e reconstrução do ser no social. De tal modo, observa-se que direitos culturais constituem-se como um ponto estratégico para se compreender a sociedade em sua diversidade de seres e nas variadas formas dos cidadãos de se apresentarem.

Wagner (2010) teoriza que a comunicação está intrínseca à formação dos seres e da sociedade; a educação é o exemplo evidente da cultura e comunicação perpassada à história. Nesse contexto de comunicação e de cultura, o artigo trabalha as vozes insurgentes por meio de um filme e um documentário.

O INGLÊS QUE SUBIU A COLINA E DESCEU A MONTANHA

O Filme “O inglês que subiu a colina e desceu a montanha” é do ano de 1995, com direção de Christopher Monger. O enredo é sobre dois topógrafos ingleses, Reginald Anson (Hugh Grant) e George Garrard (Ian McNeice), que vão fazer seu trabalho no interior de Gales, que é medir a elevação natural Ffynnon Garw, categorizando como “montanha” ou “colina”. Os dois profissionais se vêm num contexto de conflito entre o que a ciência considera como “colina” e com as afetividades em volta dessa, que para os moradores, é uma “montanha”.

Chega-se à conclusão técnica que Ffynnon Garw é uma “colina” e essa classificação é sentida com prejuízo à afirmação de identidade da população da vila. A ligação entre as pessoas com a dita montanha, é forte, mas se intensifica com as ações que as pessoas se envolvem no transcorrer do processo de topografia. Esse processo lembra processo patrimonial, em que há questões técnicas a serem feitas e há uma população envolvida nos lugares de memórias. Destarte, esse contexto pode ser exemplificado com os textos de Tamaso (2006/2011), destacando tensões entre poderes e fluidez da afetividade e movimentação da população.

Em algumas cenas do vídeo, vê-se que há caracterização fixas nas pessoas, onde junto ao nome, há um adjetivo ou profissão que o qualifica socialmente “pelo que fez e/ou pelo que é”, ou seja, mais do que identificar a pessoa, é uma forma arbitrária onde perfaz o estereótipo. É interessante pensar isso, pois é daí que o filme demonstra pessoas ultrapassando esse lugar, o estereótipo instituído; e, assim, demonstrando possibilidades de experiências que anteriormente não era realizado, não valorizado, e/ou

que não havia tido possibilidade de ser visto ou feito. Isso ficou evidente quando o personagem “Jones-o neurótico” falou em público, expressando opinião que influenciara os demais a ação pontual na Ffynnon Garw. Nessa parte do filme, é demonstrado o processo de transição do rompimento de estereótipo para esse personagem, pois era uma ação de pessoa descredibilizada socialmente, mas que saía desse lugar. Nesse sentido, Tuan (1993) demonstra o contexto em que as experiências são diferentes maneiras de conhecer e construir a realidade. Na interação do personagem, a experiência se dá e isso possui reflexo em si mesmo (no corpo do personagem) e nos lugares em que atua.

Outro ponto destacável é a questão dos topógrafos. Eles foram para trabalhar, mas tiveram ações/experiências diferentes. O personagem George Garrard teve sua atuação de forma mecânica, funcional e pouco sensível às afetividades dos moradores em relação ao Ffynnon Garw. Já Reginald Anson esteve aberto à população, tentou compreender as especificidades e anseios da população. Nesse ponto, é interessante pensar o trabalho do antropólogo junto às populações que trabalha, como sendo essencial o compromisso com a fala e sentimentos da população estudada. Portanto, vê-se a importância do trabalho junto às populações e não somente no cumprimento da burocracia do poder.

Dessa forma, o filme aponta o paradoxo de poder estatal e do plural cultural, que não encaixa dentro do controle que é estabelecido ou que se tenta estabelecer. Destaca-se a questão do levantamento topográfico e de fazer mapas como uma experiência autoritária. Ou seja, mapas são representações fixas, que não condiz à dinamicidade cultural e vontade da população. De tal modo, há um conflito entre as possibilidades do plural e a tentativa do controle estatal. Nesse ponto, aproxima-se ao contexto explorado por Tamaso (2011), no trabalho intitulado “Paradoxos da conservação patrimonial na cidade de Goiás (Brasil): o debate cultural dos lampiões e das Pedras”, em que ela descreve casos de conflitos deflagrados a partir de práticas patrimoniais na cidade de Goiás.

Outro ponto é a questão do poder da Inglaterra, que na personificação de profissionais ingleses, vão ao País de Gales (pertencente ao Reino Unido) mensurarem e classificarem o físico. Nota-se o Poder Real, tentando alterar os significados daquela população, que fazendo parte de um reino, o País de Gales, fica em posição de submissão aos mandos e desmandos. Daí fica evidenciado o contexto rígido de lugares onde se fixa, “lugar para um e lugar para outro”; dessa maneira, remete-se ao texto de Pierre Bourdieu, pois ele aponta de forma determinista os lugares, sem olhar a capacidade de transformação dos seres humanos e dos seus contextos. Complementando isso, Ajun Appadurai, no que compete a “projetos Estado-Nação”, diz que é a tentativa de controle do Poder Estatal para os movimentos humanos.

Nota-se também a importância de instituições na vila em referência à organização dos movimentos da população. Cito a Instituição Religiosa e também do “estabelecimento” do personagem Moe como poderes locais que influenciam na motivação dos usos e costumes da vila. Por exemplo: o “Reverendo Jones” lê a Bíblia e acredita que o texto é uma mensagem divina para se envolver mais no Ffynnon Garw. Nesse sentido, Clifford Gertz (1926, pág; 67) destaca que “a religião ajusta as ações humanas a uma ordem cósmica imaginada e projeta imagens da ordem cósmica no plano da experiência humana”. Há a confirmação da religião como sistema cultural influenciável no filme, mas não só ela. A interação prevalece onde pessoas com *memórias subterrâneas* (conceito de Michael Pollak, 1989) possuem suas vivências e influências no social.

Entende-se que os contextos sociais da memória são construídos no decorrer do tempo, e no filme é narrado pelo avô ao neto. Essa narrativa é feita, visitada e revivida nos lugares de memória, o resultado dessas experiências humanas é a ressignificação da memória e dos seus lugares. Portanto, quem escuta as lembranças do processo de topografia e dos movimentos populares, é motivado a se sentir pertencente naquele lugar. Sendo que, o lugar de memória, é físico, experiencial, como também o remete a questões imaginárias. Com isso, há a coesão do grupo e um efeito de continuidade.

APONTAMENTOS TEÓRICOS ANTROPOLÓGICOS EM RELAÇÃO AO DOCUMENTÁRIO “PELAS MARGINAIS”

O documentário “Pelas Marginais” aborda fluxos, deslocamentos e fronteiras que se realizam na segunda maior via expressa de São Paulo, a Marginal Pinheiros. Há o destaque para o tempo-espaço, em que a Marginal Pinheiros foi transformada em uma importante sede financeira ao longo do século XX. Algumas pessoas falam sobre suas experiências e percepções ao longo do tempo e espaço que percorreram no processo, caracterizado por mudanças, continuidades e ressignificações. O documentário em questão é de 2007, com direção, roteiro e edição de Paula Morgado e João Cláudio de Sena. É vinculado ao Laboratório de Imagem e Som em Antropologia (LISA-USP), dentro do Projeto Temático “Alteridades, expressões culturais do mundo sensível e construções da realidade”.

Akhil Gupta e James Ferguson (2000, pág. 32) dizem que “as representações dos espaços nas ciências sociais dependem muito mais das imagens de rompimento, ruptura e disjunção”. Nesse sentido, nota-se que o vídeo “Pelas Marginais”, apresenta esses “rompimentos, rupturas e disjunção” descritos pelos autores. Destaca-se o movimento que ocorre cotidianamente, o qual tem como uma das características, o conflito de interesses e o encontro, dentro de um processo dinâmico e de especulação imobiliária.

Outro autor que retrata o contexto de conflito e de configuração das relações sociais, jogos de poder e de violência, é Antônio Augusto Arantes Neto (2000). Ele reconhece a sucessão de dramas e um início de um novo enredo (2000, pág. 118), o qual pode ser compreendido como a nova forma de territorialização que Gupta e Ferguson destacam. Arantes (2000, pág. 106) coloca também que os lugares não estão “justapostos”, mas sim “superpõem-se”. Isso reafirma a ideia de conflito e de mundos em guerra. Com isso, direciona-se pensar nos borramentos e embaçamentos culturais e sociais que se estabelecem intensamente no mundo pós-moderno, que Gupta e Ferguson teorizam e que no vídeo é demonstrado na prática.

Como exemplo, citamos a do Sr. Benedito Pereira, vigia de cocheiras do Jockey Clube, retratando as mudanças do espaço, questões naturais e também o avanço de edifícios. Ele destaca as mudanças naturais no local que hoje é situado o Jockey Clube (de São Paulo) e nos arredores desse. Isso remete a pensar o tempo e espaço a que Doreen Massey refere-se:

“Trata-se de um fenômeno que foi chamado de ‘compreensão de tempo-espaço’. E a aceitação geral de que algo desse tipo está acontecendo é marcada pelo uso quase obrigatório, na literatura, de termos e expressões tais como ‘aceleração’, ‘aldeia global’, ‘superação de barreiras espaciais’, ‘ruptura dos horizontes’, e assim por diante.” (pág. 177)

O tempo-espaço possui uma prerrogativa conflito e de transformação, assim pensamos tempo-espaço como algo em movimento e com a fluidez que institucionalmente e politicamente não consegue gerir, mas tenta-se gerir. Daí a tensão entre interesses políticos e questões de fluidez cultural que desarticulam a fixidez desejada. No sentido retratado, tanto nos autores que retratam os lugares transnacionais, também demonstrados no vídeo, a questão cosmopolita e de interesses de mercado, influem no processo dinâmico da cultura, comunidades e lugares.

Complementando essa interpretação, pode-se ser utilizado o texto de Arjun Appadurai (2003) “Soberania sem Territorialidade: Notas para uma Geografia pós-colonial”. Nesse texto, vê-se que ideias (soberania e territorialidade) assumem-se como “intimamente conectadas estão gradativamente se fraturando” (pág. 45). No ensaio de Appadurai (2003), subentende-se que soberania e territorialidade, as quais já foram ideias gêmeas, vivem cada vez mais separadas. Portanto, nota-se que o movimento das pessoas desestabiliza o contexto fixo da oficialidade, este movimento já descrito no parágrafo anterior também é demonstrado no documentário, principalmente no embate entre os moradores da Favela Real Parque e do Condomínio Cidade Jardim.

É interessante observar nesse documentário, que não somente profissionais tem a possibilidade de fala. Assim, moradores da Favela se posicionam politicamente, exercendo pressão para determinadas mudanças. Nas falas de todos (cada um a seu modo e baseado na sua experiência), há em comum a preocupação com o deslocamento

ou no deslocar de indivíduos, onde a questão da força do capital e o processo de insurgência e reivindicação de moradores fica em evidência. É possível perceber como a cidadania insurgente e a fixidez dos espaços, constroem lugares e estes ficam proeminentes.

Gupta e Ferguson (2000, pág. 35) dizem que “nesse jogo-cultura da diáspora, ficam borradas as fronteiras familiares entre o aqui e o lá, o centro e a periferia, a colônia e a metrópole.” Ainda complementa dizendo que “mas cultura e povos, por mais persistentes que sejam, deixam de ser plausivelmente identificáveis como pontos no mapa”. Por conseguinte, percebem-se próximos geograficamente, mas sendo caracterizados por *apartheid* sociais.

Portanto, Gupta e Ferguson (2000) apontam que politizar nossas relações contemporâneas é uma das questões necessárias para a abordagem antropológica atual. Assim, nota-se a veemência do documentário, pois aponta para a realidade, abordando as questões de fronteira, diferença cultural, cultura híbrida, mudança social e transformação da cultura e identidade de um lugar, sendo polarizado em um contexto de interação entre grupos antagônicos, numa luta simbólica e/ou material do espaço (que se torna lugar) apropriado por um e pelo outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Entende-se como pontos centrais deste trabalho, a questão de (re) pensar a “Cultura”, o caráter contemporâneo de não hierarquizar (mas compreender a hierarquização que existe) e processo dinâmico dessa categoria. Dessa forma, é essencial naturalizar (no sentido útil cientificamente) as características do pensar social plural. Sabe-se, no entanto, que há poderes que fazem gestão do plural e que tentam

normatizar o fluido. Nisso, repensar o conceito no sentido prático é pertinente para repensar os posicionamentos teóricos acerca do “outro” e dos posicionamentos teóricos.

Compreende-se que mais do que explanações romantizadas e falaciosas, é preciso pensar na alteridade e na politização insurgente, afinal a construção dos lugares permeiam as ações, que são, por inúmeros momentos, “suprimidas e/ou invisibilizadas”. O discurso hegemônico da oficialidade e a postura poderosa de instituições não podem diminuir, desprezar o plural e/ou continuar com processo de tentativa de invisibilidade. Esse contexto, parte também de reflexões sobre patrimônio e processos de poderes que descredibilizam a vontade da população que está inserida. Com isso, lembramos Tamaso nos seus textos, em que ela destaca corriqueiramente a movimentação da população “no, durante e após” o processo de patrimonialização da cidade de Goiás em 2001.

Dessa forma, a palavra central desse trabalho, talvez não seja “Cultura”, mas sim, “Polifonia”. Isso se justifica, pois essas vozes estão latentes, insurgentes e até revoltosas. Negar as disjunções e os conflitos é negar a própria dinâmica da vida. Eis o momento de aparecer e de ser mediada nesse aparecimento, ou talvez, sem mediação... Enfim, são incertezas da vida presente, mas que fazem sentir que a vida está em curso e “o que fazer” é o ato mais interessante nesse processo. Afinal, o que se tem é uma territorialização diferente e pulsante, e, portanto, viva. Este artigo teve a ousadia de compreender o presente, pois essa é a condição de tempo e de legado histórico.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

APPADURAI, Arjun. Sovereignty without Territoriality: notes for a postnational geography. (pp. 337---350). In: LOW, Setha; LAWRENCE---ZÚNIGA, Denise. 2003. Locating Culture. The Anthropology of Space and a Place. Blackwell Publishing.

ARANTES, Antonio. A. 2000. *A guerra dos lugares. Paisagens Paulistanas: transformações no espaço público*. Campinas, SP: Editora da Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial.

BORDENAVE, Juan E. Díaz. *O que é Comunicação?* São Paulo: Brasiliense, 1997.

BOURDIEU, Pierre. 2002. A casa ou o mundo ao contrário. In: Esboço de uma teoria da prática. Oeiras: Celta Editora.

BORGES, Rosana Maria Ribeiro. SANTOS, Wanderley Alves dos. (2009) Universidade Federal de Goiás. Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação. Especialização em Metodologia do Ensino Fundamental. Capítulo: *Educação Fundamental e as Mídias*. (pág. 43 – 67) Goiânia: FUNAPE/CIAR, 2009.

GEERTZ, Clifford, 1926A *interpretação das culturas* / Clifford Geertz. - 1.ed., IS.reimpr. - Rio de Janeiro : LTC, 2008. 323p.

GUPTA, Akhil; FERGUSON, James. 2000. *Mais além da 'cultura': espaço, identidade e política da diferença*. In: ARANTES, Antônio Augusto (org.) *O Espaço da Diferença*. Campinas: Papirus, pp.30---49.

LARAIA, Roque de Barros, 1932- *Cultura: uni conceito antropológico* / Roque 14.ed. de Barros Laraia. — 14.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

LEITÃO, Rosani Moreira. *Diversidade Cultural e Cidadania*. Manuscrito não publicado. 2014.

MASSEY, Doreen. 2000. Um sentido global do lugar. In: ARANTES, Antonio Augusto (org.) *O Espaço da Diferença*. Campinas: Papirus, pp. 176---185.

MONGER, Christopher . *O INGLÊS que subiu a colina e desceu a montanha*. 1995. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6yKyR8IEgNs> acessado em 05 de Janeiro 2016.

MORGADO, Paula. SENA, João Cláudio de. *Pelas Marginais*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=w5uUiu_EQpY acessado em 27 de Dezembro 2015.

POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento e Silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

TAMASO, Izabela. 2006. A Cruz do Anhanguera: representações, experiências, memórias, patrimônio. In: FRUGOLI JR., Heitor; ANDRADE, Luciana T. de;

PEIXOTO, Fernanda A. (orgs.) A cidade e seus agentes: práticas e representações. Belo Horizonte/São Paulo: Ed. PUC Minas/Edusp, pp. 245---273.

TAMASO, Izabela. 2011. Pedras e lampiões: marcos da fronteira do patrimônio mundial. In: ROSAS, M. TOBAR, J. E ZARATE, Alberto (Orgs.) Arte y Patrimonio Cultural: inequidades y exclusiones. Calca: Editrial Universidad del Calca.

TUAN, Yi--Fu. 1983. Espaço e Lugar: A Perspectiva da Experiência. Tradução de Livia de Oliveira, São Paulo, Difel.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. Tradução Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales. São Paulo: Cosac Naify, 2010.